

01-06-2021

## O mingau de Maizena

### Ernani Costa Mendes

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde.  
Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Numa visita domiciliar em São João de Meriti, município da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, conheci Francisco, paciente com câncer de laringe - um dos mais comuns entre os que atingem a região de cabeça e pescoço -, com laringectomia total e traqueostomia definitiva por conta do avanço da doença.

Uma das características epidemiológicas peculiares a esses pacientes é que na sua maioria são homens acima de 40 anos com história de tabagismo e etilismo pesado (veja). Geralmente são separados ou divorciados, sendo que os hábitos de beber e fumar compuseram o emaranhado de suas separações. O testemunho cabal disso é que, em alguns casos, as ex-esposas tornam-se suas principais cuidadoras.

Mas, nem sempre é assim, a maioria deles acaba cursando a jornada da doença sozinhos, ou, em casos raros, são cuidados por familiares, irmãos por exemplo, como foi o caso de Francisco.

O kit de sobrevivência imposto pelos cânceres de cabeça e pescoço, para a maior parte de suas vítimas é composto por: sonda nasointestinal (introduzida pelo nariz vai até o duodeno/jejuno, a parte do intestino onde ocorre a absorção dos nutrientes) ou gastrostomias (procedimento cirúrgico que estabelece o acesso ao estômago através da parede abdominal para alimentação) ou ainda traqueostomia (orifício feito na traqueia que permite uma via artificial para a respiração). O kit garante ao paciente se manter vivo! Mas por outro lado, esses cânceres deslocam o paciente para uma tristeza profunda, tendendo ao isolamento, e não é por menos... poderão aparecer lesões na face, edemas de língua e de olhos, tumorações gigantescoas no pescoço, secreções pela boca e via traqueostomia intermináveis... Ou seja, esse tipo câncer está na "cara", ao contrário de outros, como de mama, intestino e próstata, por exemplo, que podem ser escondidos sob as vestes! O isolamento social tem uma razão de ser que merece destaque. A evolução do câncer costuma tirar os mais básicos e instintivos prazeres da vida e o câncer avançado de cabeça e pescoço poderá impactar no prazer de comer, beber, falar e até respirar. Os eventos, seja um jantar no seio familiar ou festividades sociais, são regados por comidas e bebidas. E, infelizmente, ainda não inventaram o churrasco, a ceia de Páscoa ou de Natal em apresentação líquida para sondas enterais permitindo aos pacientes a sensação de estarem à vontade em tais eventos. Enquanto isso não acontecer, o churrasquinho e o Natal para esse grupo não passarão de desesperos, embaraços e motivos de tristeza, uma vez que não poderão se alimentar pelas vias naturais. Esse é o ponto!

O fato deles não comerem pela boca, não significa dizer que não desejam saciar essa vontade, muito pelo contrário, o desejo de comer e beber pela boca, quando não se pode, eleva-se à décima potência - o cafezinho, a água, o pão e a carne são os top 10 dos pedidos dos pacientes -. No caso do Francisco, naquele dia ele estava com muita vontade de comer pela boca, e é bom lembrar, do reclame usual dos pacientes e de seus familiares ao afirmarem que a dieta líquida "não alimenta e nem dá sustância a ninguém". É aqui que começa a história do mingau ... Logo após entrar na casa de Francisco, sou abordado pelo irmão-cuidador sobre o desejo e da possibilidade de comer mingau pela boca. A preocupação do irmão de Francisco repousa no risco desses pacientes fazerem broncoaspiração!

Eu respondo afirmando que esse risco era real.

Segundo a fonoaudióloga Andressa Freitas, grande estudiosa do tema disfagia, muitos pacientes laringectomizados fazem broncoaspirações silentes (silenciosas, sem tosse), quando teimosamente comem pela boca e, no entanto, não evoluem para complicações clínicas secundárias a essas aspirações brônquicas. Não se sabe ainda qual é o mecanismo fisiológico protetor nessas situações. Segundo ela, apesar desses pacientes serem advertidos em relação aos riscos da broncoaspiração, o ato de subversão de comer pela boca para muitos pacientes não é suficiente para gerar maiores danos. Ela explica também que, em muitos casos, os pacientes só querem sentir o gosto dos alimentos, da carne, do pão, do café, lubrificar a boca seca com um gole d'água... e que, no caso da carne e do pão, quase sempre são cuspidos após serem mastigados! Mas, naquele dia o desejo e o prazer de comer pela boca venceram o medo. O irmão de Francisco decide então, preparar a iguaria láctea, e quando Francisco se depara com o prato de mingau e sente o cheiro, ele entra em plena euforia, aquela parecida com a do recém-nato quando sente a presença da mama repleta de leite de sua nutriz... Na ânsia de saciar o seu desejo, ter prazer pela boca e matar a sua fome com aquele mingau de Maizena, Francisco o devora em pouquíssimos minutos e, quando devolve o prato ao irmão, com os olhos marejados, acena com a cabeça serena (sem tosse) e positivamente, pois ele não falava, lembram de sua laringectomia total? Lembram da sua traqueostomia? Pois é, a cena mais impactante para mim e o irmão foi presenciar que, à medida que ele comia pela boca, automaticamente o mingau saía pelo orifício da traqueostomia, sujando completamente sua roupa... foi uma cena impressionante! Mas, para Francisco não importou nem um pouco, para ele o que valeu foi saciar o seu desejo, ter prazer pela boca e ludibriar a sua sensação de fome, mesmo presenciando todo mingau derramado..! Trabalhar em cuidados paliativos é um privilégio, participar da vida desses pacientes é deveras grandioso, eu aprendo demais. Perceber e vivenciar as limitações do corpo é inquietador, testemunhar a insistência dos pacientes em permanecerem vivos é para lá de mágico! Para tanto, o mais importante que venho aprendendo como paliativista é sobre a importância do legado deixado por cada um de nós! Esse legado deverá suplantar as experiências do corpo que um dia fenece, do hedonismo que um dia desfalece e de toda a vaidade que desumaniza e emburrece ...

Citando algumas estrofes do poema "Quando eu morrer" de Mário de Andrade, jogamos luz nessa questão de vida e morte que está para lá das delicadezas pós-modernas, que por ora, fogem à nossa compreensão.

Quando eu morrer quero ficar,  
Não contem aos meus inimigos,  
Sepultado em minha cidade,  
Saudade...

O nariz guardem nos rosais,  
A língua no alto do Ipiranga  
Para cantar a liberdade.  
Saudade...

As mãos atirem por aí,  
Que desvivam como viveram,  
As tripas atirem pro Diabo,  
Que o espírito será de Deus.

Adeus.

\*\*\*

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*